

A (DES) CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA MULHER NAS MÚSICAS SERTANEJAS “MEDO BOBO” E “EU SEI DE COR”

Adna Chirly Mariano de Paiva¹

Ananias Agostinho da Silva²

Resumo

Este trabalho consiste em uma análise do discurso das letras das músicas “Medo bobo” e “Eu sei de cor”, interpretadas, respectivamente, pelas cantoras sertanejas Maiara e Maraisa (dupla sertaneja feminina) e Marília Mendonça, de maneira a observar como ocorre o processo (des)construção da imagem da mulher no estilo musical sertanejo universitário feminino, que, especialmente nos últimos cinco anos, tem se destacado e consagrado na música brasileira. Os ouvintes deste estilo musical são compostos não só por jovens, mas por pessoas de todas as idades que já aderiram ao novo visual desse estilo de música aqui no Brasil. Essas e outras cantoras adeptas desse estilo tematizam a mulher em suas músicas em um exercício de desconstrução da imagem tradicional da mulher, àquela “recatada e do lar”, responsável por cuidar dos filhos, atender ao marido e realizar as atividades domésticas, para dar lugar à mulher que é independente, que não se preocupa com os padrões sociais impostos, que não é o “sexo frágil”, mas que está disposta a viver relacionamentos moralmente considerados como atípicos, a frequentar lugares (bares, por exemplo) e realizar atividades (beber) antes reservados para o homem. Trata-se de uma visão feminista de mulher, influenciada diretamente pela força dos movimentos feministas. Considerando este panorama, analisa-se, pois, como a imagem da mulher é (des)construída nas músicas citadas, tendo em vista a noção de identidade (HALL, 2003) e a influência do feminismo na construção da imagem da mulher nas músicas (ALVES, 1991).

Palavras-chave: (Des)construção. Identidade. Imagem da mulher. Feminismo. Música sertaneja.

Abstract

This work consists of a detailed analysis of the lyrics of the songs: "*medo bobo*" and "*eu sei*

¹Graduanda do Curso de Letras – Língua Portuguesa, do *Campus* Avançado de Patu (CAP), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: adnachirly_rg@outlook.com.

²Doutor em Estudos da Linguagem. Professor do Curso de Letras – Língua Portuguesa, do Instituto de Estudos do Xingu (IEX), da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). E-mail: ananiasgpet@yahoo.com.

de cor", both sung by Brazilian country music singers: Maiara & Maraísa (female country music duo) and Marília Mendonça; in order to observe how the process of deconstruction of the female image occurs in country music, which, especially in the last five years, has been outstanding and enshrined in Brazilian music. These musical genre's listeners are composed not only by young people, but people of all ages who have already joined this new musical genre in Brazil. These and other female singers convey the women in their songs as an exercise of deconstruction of the traditional image of women, to those "beautiful modest housewives", responsible for taking care of children, husbands and doing household chores; giving a place to women who are independent, who do not care about imposed social standards, who are not the "fairer sex", but who are willing to live relationships morally considered as atypical, to attend venues (bars, for example) and perform socialise (drinking, e.g.) previously reserved for men. It is a feminist view of women, directly influenced by the feminist movement. Considering this panorama, it is analyzed, therefore, how the female image is deconstructed in the songs previously mentioned; in view of identify (HALL, 2003) and influence of feminism in the construction of the image of women in music (ALVES, 1991).

Keywords: Deconstruction. Identity. Woman's image. Feminism. Country Music.

Introdução

As músicas têm o poder de disseminar o ponto de vista cantado por onde quer que seja, já que o modo como a letra e melodia é disposto, de certa forma, atrai o público e traz um ar de naturalidade ao ser entoado em forma de canção. No Brasil, podem ser elencados diversos gêneros musicais relevantes para nossa cultura, dentre os quais o sertanejo, que deixou de ser composto basicamente de canções raízes e passou a se fortalecer com novos ritmos ou subtipos desse estilo, como o sertanejo universitário, por exemplo, que tem atraído um grande público nos últimos anos.

Durante algum tempo, o sertanejo universitário era cantado, na maioria dos casos, por duplas formadas por jovens cantores masculinos, existindo, claro, algumas exceções (duplas formadas por homem e mulher). Porém, mais recentemente, temos presenciado uma ascensão do público feminino na formação de duplas ou mesmo de cantoras que investem na carreira solo, tendo como estilo musical o sertanejo universitário. Destacam-se, no momento, por exemplo, figuras como Maiara e Maraisa, Marília Mendonça, Nayara Azevedo, Taeme (da dupla Taeme e Thiago), Paula Mattos, para apenas citar algumas. Essas e outras cantoras, além de serem mulheres, tematizam a mulher em suas músicas, influenciadas, principalmente, por uma visão feminista.

Dada essa conjuntura, esse trabalho tem como objetivo analisar o discurso das letras de duas músicas sertanejas, “Medo bobo” e “Eu sei de cor”, interpretadas pelas cantoras Maraia

e Maraisa e Marília Mendonça, respectivamente, visando observar como ocorre a (des)construção da imagem da mulher, isto é, como se processa a desconstrução da imagem tradicional da mulher em detrimento da construção de uma nova identidade feminina nessas músicas. Como fundamento teórico, nos baseamos nos estudos sobre identidade (HALL, 2003), bem como no trabalho de Alves (1991) sobre o feminismo.

O sertanejo universitário

O estilo musical denominado sertanejo surgiu na década de 1910. Esse estilo é uma variação ou “urbanização” da música caipira e caracteriza-se pela melodia simples e melancólica, semelhante a música caipira, só que mais dançante e mais urbana. (SENA & GOMES 2013, p. 1). Nesse sentido, o sertanejo é um gênero musical tipicamente brasileiro, pois seus aspectos musicais são considerados como uma modernização do gênero caipira, também típico da cultura brasileira. Sua urbanização resultou no ganho de espaço no mundo musical, já que para se concentrar, também, no gosto dos moradores das grandes cidades brasileiras, o sertanejo se apropriou de novas temáticas, deixando de fazer uma alusão apenas à vida do campo do homem sertanejo e passando a ser o sertanejo universitário conhecido hoje. É neste sentido que Sena e Gomes (2013, p. 1-2) dizem que:

O termo universitário veio a ser cunhado ao que se considera a terceira geração do sertanejo. Uma explicação possível para o nascimento desse gênero foi a ida de jovens universitários, oriundos das regiões interioranas, que disseminaram nos campi e repúblicas a música sertaneja de raiz que com o tempo foi associada com metais, guitarra, baixos, baterias e instrumentos de percussão

Assim, o sertanejo passa a ser um *hit* atual e moderno aos olhos do público, em virtude da necessidade que os jovens tiveram de uma representação mais moderna dos arranjos característicos do sertanejo raiz, para uma adaptação ao seu novo *habitat*.

Durante muito tempo, a música sertaneja era representada por homens. São nacionalmente e historicamente conhecidos cantores como Tonico e Tinoco, Tião Cardeiro e Pardinho, Milionário e Zé Rico, Zé Carreiro e Carreirinho, Chitãozinho e Chororó, Zezé de Camargo e Luciano, Leandro e Leonardo, Sérgio Reis, Daniel, dentre tantos outros que, antes do novo arranjo universitário, dominavam o mercado sertanejo. No entanto, apesar da predominância de cantores masculinos, algumas poucas representações femininas atreviam-se a adentrar o universo sertanejo, com destaque para as Irmãs Castro, as Irmãs Galvão, Inezita Barroso, Nalva Aguiar, Helena Meirelles, e outras mais contemporâneas, como Roberta Miranda.

Depois da nova roupagem do sertanejo, que deu espaço para o sertanejo universitário, novos cantores (as) se fizeram presente nas paradas de sucesso. Muitos nomes foram lançados depois da aceitação do público desse novo gênero. De início, observando um artigo do *site* Brasil Escola, nota-se apenas a presença masculina. No entanto, nesses últimos anos, a presença feminina vem sendo representada com mais frequência, se comparados ao ritmo apenas sertanejo, de modo que, se pode afirmar, as mulheres ganharam espaço nesse terreno musical que até então era preferência do público masculino. Depois do impulso da carreira de cantoras como Vanessa Camargo, que adota um estilo mais romântico do sertanejo, os nomes de Maiara e Maraisa, Marília Mendonça, Nayara Azevedo, Simone e Simária, Paula Mattos, Taeme, dentre outros, passaram a emplacar sucessos que chegam aos topos das paradas musicais no Brasil.

De acordo com Hall (2006, p. 9), “um tipo diferente de mudança estrutural está mudando as sociedades modernas no final do século XX”. Ou seja, o mundo muda e as mudanças afetam, principalmente, as pessoas que nele residem. Neste caso, essa aquisição de gostos que até então era peculiar do público masculino, passou a integrar-se no papel feminino na sociedade atual, devido às mudanças decorridas no tempo e sociedade. As mulheres, de fato, começaram a integrar e fazer parte de setores da sociedade antes dominado apenas pelos homens e isso se reflete na própria cultura.

Atualmente, as mulheres se apropriam do sertanejo universitário para confrontar com a sociedade seus modos de ser, característicos da mulher atual. Não cantam romances para os homens, mas cantam com as mulheres formas de se sobressaírem das relações sempre impostas de forma assimétrica. Elas mostram que sofrem (a sofrência, que tem se consagrado como uma nova forma de romantismo na música sertaneja), mas não conseguem lidar com o sofrimento, tornando-o aprendizado, de modo que saem como superiores na relação.

A Mulher: Ideologias Sociais X Feminismo

Ao longo da história da humanidade, na maioria das sociedades existentes, a mulher foi considerada como inferior ao homem. A divisão social de tarefas sempre deixou isso evidente. Desde então, a mulher tem insistido em lutar pelos direitos igualitários. Um breve olhar para a história demonstra o quanto as mulheres lograram para conseguir espaço nas sociedades e serem reconhecidas com a mesma importância que os homens.

Tradicionalmente, a mulher era vista como a pessoa da casa responsável pelos

afazeres domésticos e por cuidar dos filhos. Já os homens, por sua vez, considerados como os donos de casa, tratavam de trabalhar fora de casa para dar o sustento da família. Colocava-se, pois, para a mulher uma visão inferior ao do homem, já que ele que era capaz de conseguir o dinheiro para manter a família. Trata-se de uma relação de inferioridade tão evidente que, para o filósofo Aristóteles (*apud* ALVES & PITANGUY, 1991, p. 11), “a mulher era igual ao escravo e ao estrangeiro, considerados inferiores na sociedade”. O escravo e o estrangeiro correspondiam aos seres mais inferiores na sociedade, àqueles que não tinham nenhum direito. Assim era também a mulher.

No entanto, ainda na visão de Aristóteles (*apud* ALVES & PITANGUY, 1991, p. 11) “Se a natureza não tivesse criado as mulheres e os escravos, teria dado ao tear a propriedade de fiar sozinho” (p. 9). Ou seja, o papel da mulher transcende ao que foi de início imposto, visto que ela é trilhadora de sua vida, bem como de sua família e sociedade. Esse fato inicia-se no período da I e II Guerra Mundial, em que elas tiveram que tomar posse dos afazeres dos maridos, visto que eles precisaram ingressar neste período de guerras, e tornaram-se donas, literalmente, de suas casas. Foi esse o fator que impulsionou a entrada das mulheres no mercado de trabalho (MARTINS, 2010).

Atualmente, depois do Movimento Feminista no Brasil, as mulheres se uniram em favor do seu reconhecimento na sociedade, ganhando uma força a mais para a efetivação das reivindicações organizadas. O Portal Brasil, fala em reportagem que “As ações do movimento feminista foram decisivas para articular o caminho da igualdade entre os gêneros, que, apesar de todos os avanços, ainda não é plenamente garantida.” (Portal Brasil, 2016). De modo geral, as mulheres lutavam por:

Reconhecimento dos direitos econômicos, sociais, culturais e ambientais das mulheres; [...] Necessidade do reconhecimento do direito universal à educação, saúde e previdenciária; [...] Defesa dos direitos sexuais e reprodutivos; [...] Reconhecimento do direito das mulheres sobre a gestação, com acesso de qualidade à concepção e/ou contracepção; [...] Descriminalização do aborto como um direito de cidadania e questão de saúde pública. (Fonte: Portal Brasil)

Hall (2006, p. 7) afirma que “[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”. Desse modo,

as mulheres estão se adaptando a um novo modo de visão social do papel feminino, visto que as necessidades femininas de antes, não são mais tidas como absoluta nos dias de hoje, pois os fatores sociais, que instigaram essa nova visão, impulsionaram essa mudança.

A questão identitária da mulher na sociedade

Não é de hoje que se houve falar que “lugar de mulher é na cozinha”, que ela é “a responsável por cuidar da casa, dos filhos”, que “o homem, em um matrimônio, tem a tarefa de trabalhar e a esposa de ficar em casa cuidando do lar”. Porém, essas são antigas visões que perduraram durante muito tempo e que agora estão sendo ultrapassadas por causa da luta feminina pela quebra desses paradigmas. Hall (2006, p. 7) considera essas mudanças que a sociedade está passando uma “crise de identidade”, pois isso acontece devido a “um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referências que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social”.

Desse modo, a mulher, como integrante da sociedade, é elemento dessa “crise de identidade”, visto que ela se diferencia daquelas que antes eram donas de casa e consideradas parâmetros para todas deste gênero. Hall (2006) cita que “estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentralização do sujeito.”. Assim, pode-se dizer que a mulher, está em um processo de descentralização de uma representação da classe: donas de casa, pois há cada dia ela ganha mais espaço em diversos ambientes, principalmente no trabalho, lutando sempre por questões igualitárias e reconhecimento na sociedade.

No entanto, ainda de acordo com Hall (2006, p. 9-10), “esses processos de mudança, tomados em conjunto, representam um processo de transformação tão fundamental e abrangente que somos compelidos a perguntar se não é a própria modernidade que está sendo transformada.”. A partir desse questionamento, Hall (2006, p. 10) nos sugere três concepções de identidade para o sujeito: “sujeito Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno”.

O sujeito Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou “indêntico” a ele- [...] A noção de sujeito sociológico refletia a crescente

complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, [...] a identidade é formada na “interação” entre eu e a sociedade. [...] o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (HALL, 2006, p. 11-12-13).

Nesse sentido, Hall sugere que podemos nos basear em três concepções de mudanças para um indivíduo: o primeiro, “sujeito Iluminista”, tendo o eu como responsável pela formação ideológica do sujeito; o segundo, “sujeito sociológico”, que tem a sociedade como responsável pela formação ideológica do sujeito; e a terceira, “sujeito pós-modernos”, em que o sujeito é um ser adaptável a qualquer tipo de ideologia imposta. A mulher, que está, então, passando por um processo de reconhecimento social, pode ser descrita como um sujeito sociológico, pois elas querem ganhar espaço, através de suas lutas e conquistas, tendo em vista os direitos igualitários entre os sexos.

“Medo bobo” e “eu sei de cor”: uma análise de duas músicas sertanejas femininas

As músicas do gênero sertanejo universitário que se disseminam no Brasil e que, também, fazem parte de um estilo em que as mulheres estão se apropriando para expor suas visões. São bastante ouvidas por mulheres, que se identificam com as histórias narradas em cada letra ou mesmo com o ritmo musical, mas também por homens, que parecem se agradar das melodias ou se identificarem, de alguma forma, com as narrativas.

Nesta seção, apresentaremos duas músicas que condizem com o perfil sertanejo universitário, cantadas por vozes femininas típicas da atualidade sertaneja, e que são nosso foco de análise.

Medo Bobo		Maiara e Maraisa
Ah, esse tom de voz eu reconheço Mistura de medo e desejo Tô aplaudindo a sua coragem de me ligar...		Por conta de outra pessoa Só da pra saber se acontecer
Eu pensei que só tava alimentando Uma loucura da minha cabeça Mas quando ouvi sua voz, respirei aliviado		É, e na hora que eu te beijei Foi melhor do que eu imaginei Se eu soubesse tinha feito antes No fundo sempre fomos bons amantes
Tanto amor guardado tanto tempo A gente se prendendo à toa		E na hora que eu te beijei Foi melhor do que eu imaginei

Se eu soubesse tinha feito antes
 No fundo sempre fomos bons amantes...

No fundo sempre fomos bons amantes

É o fim daquele medo bobo

Tanto amor guardado tanto tempo
 A gente se prendendo à toa
 Por conta de outra pessoa
 Só da pra saber se acontecer

É, e na hora que eu te beijei
 Foi melhor do que eu imaginei
 Se eu soubesse tinha feito antes
 No fundo sempre fomos bons amantes

E na hora que eu te beijei
 Foi melhor do que eu imaginei
 Se eu soubesse tinha feito antes
 No fundo sempre fomos bons amantes

Iêê Iê
 No fundo sempre fomos bons amantes

Iêêêê Iê Iêêêê Iêêêê
 É o fim daquele medo bob

Eu sei de cor

Marília Mendonça

É
 Já tá ficando chato, né?
 A encheção de saco, pois é!
 Prepara, que eu já tô me preparando
 Enquanto cê tá indo, eu to voltando

E todo esse caminho eu sei de cor
 Se eu não me engano, agora vai me deixar só
 O segundo passo é não me atender
 O terceiro é se arrepender

Se o que dói em mim doesse em você

Deixa!
 Deixa mesmo de ser importante
 Vai deixando a gente pra outra hora
 Vai tentar abrir a porta desse amor
 Quando eu tiver jogado a chave fora

Deixa!
 Deixa mesmo de ser importante
 Vai deixando a gente pra outra hora
 E quando se der conta, já passou

Quando olhar pra trás, já fui embora

E todo esse caminho, eu sei de cor
Se eu não me engano, agora vai me deixar só
O segundo passo é não me atender
O terceiro é se arrepender

Se o que dói em mim doesse em você

Deixa!
Deixa mesmo de ser importante
Vai deixando a gente pra outra hora
Vai tentar abrir a porta desse amor
Quando eu tiver jogado a chave fora

Deixa!
Deixa mesmo de ser importante
Vai deixando a gente pra outra hora
E quando se der conta, já passou
Quando olhar pra trás, já fui embora

E quando se der conta, já passou
Quando olhar pra trás, já fui embora

Vejam os trechos a seguir, da música “Medo bobo”:

“Ah, esse tom de voz eu reconheço/Mistura de medo e desejo/Tô aplaudindo a sua coragem de me ligar.../Eu pensei que só tava alimentando/Uma loucura da minha cabeça/Mas quando ouvi sua voz, respirei aliviado”.

Este, sendo o início da música, descreve um início de conversa durante uma ligação, em que a pessoa que efetuou a ligação está com medo de falar com a pessoa que está na linha, porém a pessoa que ligou sente um desejo pela outra. A outra pessoa está surpresa pela coragem da pessoa ligar; tanto que ela imaginou que o ato da voz durante a ligação fosse alucinação, o que faz deixar transparecer que, talvez, essa ligação não fosse uma coisa normal a ser feita; que pudesse ser algo proibido, já que a pessoa que ele sente medo e desejo. E que a confirmação da voz da pessoa que ligou, possa ser uma confirmação do desejo mútuo entre ambos.

“Tanto amor guardado/tanto tempo/A gente se prendendo à toa/Por conta de outra pessoa/Só da pra saber se acontecer/É, e na hora que eu te beijei/Foi melhor do que eu imaginei/Se eu soubesse tinha feito antes/No fundo sempre fomos bons amantes.”

Por razão da música ser cantada por uma dupla de mulheres que fazem parte do gênero sertanejo, este trecho dessa música, que traduz o conteúdo de toda a canção, já que é o refrão, mostra que a mulher está vivendo um romance com um homem, sendo ele ou ela, ou ambos, casados, mas que isso não é um empecilho para que eles vivam e desfrutem desse amor.

Desse modo, o papel da mulher deixa de ser àquele em que ela tem que ser fiel, ou de não poder se apaixonar por um homem comprometido. Aqui, a mulher, bem como o homem, podem sim se apaixonar por outra pessoa comprometida, já que é o amor quem dita por quem nos apaixonamos ou amamos.

Trechos de “Eu sei de cor”:

“É, já tá ficando chato, né?/ A encheção de saco, pois é/ Prepara que eu já tô me preparando/ Enquanto cê tá indo eu tô voltando/ E todo esse caminho eu sei de cor/ Se eu não me engano agora vai me deixar só/ O segundo passo é não me atender/ O terceiro é se arrepender/ Se o que dói em mim doesse em você”

O início dessa música retrata, aparentemente, um casal discutindo a relação de modo que a mulher, já que a voz que canta é uma voz feminina, esteja deixando claro o que vai acontecer, como se esse tipo de discussão e o efeito desta fosse uma coisa rotineira na vida do casal. Porém, ela lida com isso de modo a deixar claro que ela ficará por cima, pois a mesma já está se preparando para encarar a situação.

“Deixa, deixa mesmo de ser importante/Vai deixando a gente pra outra hora/Vai tentar abrir a porta desse amor/Quando eu tiver jogado a chave fora/Deixa, deixa mesmo de ser importante/Vai deixando a gente pra outra hora/E quando se der conta já passou/Quando olhar pra trás já fui embora”.

Neste trecho, também considerado um refrão, mostra a valorização da figura feminina em relação ao desprezo de seu amado, já que a voz atuante da canção é feminina. Ou seja, a mulher não é mais vista como aquela que tem que ceder ao homem; ela é dona da situação e dita: se ele não voltar atrás em sua decisão, não vai serei eu que irei voltar (Música Medo Bobo, Marília Mendonça). Pelo contrário, ela vai continuar sua vida sem deixar com que o abandono afete a decisão de ir embora e terminar o relacionamento.

Considerações Finais

Tendo em vista a análise realizada nas músicas “Medo bobo” e “Eu sei de cor”, consideramos que nas letras a mulher tem um papel igualitário ao do homem, visto que elas são donas das situações em que estão vivendo e sabem discernir os momentos de profundo sentimento, vividos durante a canção. Ou seja, a mulher deixou de agir apenas com o coração (modo como é visto o sexo feminino; sexo frágil) e passou a agir com a razão, que sabe enfrentar os problemas e dar a volta por cima. Também percebemos a presença da descrição de uma mulher infiel, seja em seu relacionamento ou seja ferindo o relacionamento do outro, sendo quebrada a premissa de que quem trai é o homem. Ou seja, ser mulher deixou de ser uma condição para se fazer alguma coisa. A mulher descrita/cantada nas músicas analisadas, que traduz a visão Feminista e é disseminada, também, pelo gênero musical sertanejo universitário, revela a mulher que as cantoras são e a mulher que todas podem ser.

Deste modo, a presença do Feminismo está descrita à todo momento durante essas canções do Sertanejo Universitário, sendo elas cantadas por cantoras que também condizem com perfis Feministas, fazendo assim ser traçado um novo perfil nessas mulheres cantoras sertanejas que não deixam de motivar os espectadores (as) de suas canções.

Referências

ALVES, Branca M.; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

GLOBO. **Cantoras ganham espaço na música sertaneja e fazem sucesso pelo Brasil**. Edição do

dia 10/07/2016 21h51 - Atualizado em 10/07/2016 21h51.
Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2016/07/cantoras-ganham-espaco-na-musica-sertaneja-e-fazem-sucesso-pelo-brasil.html>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guareaira Lopes Lopes Louro - 11. ed. – Rio de Janeiro: DP&A., 2006.

MARTINS, Neumann Silvana; PELEGRINI, Jordana. **A história da mulher no trabalho: da submissão às competências**. Um resgate histórico e as gestoras lajeadenses neste contexto; Revista Destaques Acadêmicos, ano 2, n. 2, 2010 - Cchj/UNIVATES

SENA, Melly Fatima Goes; GOMES, Nataniel dos Santos. ANÁLISE ESTILÍSTICA DO "SERTANEJO UNIVERSITÁRIO"; **Revista Philologus**, Ano 19, Nº 55. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr. 2013 – Suplemento.

PORTAL BRASIL. **Brasileiras lutam pela igualdade de direitos**. Publicado 16/02/2012 12h10, Última modificação: 04/11/2015 17h58. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2012/02/brasileiras-lutam-pela-igualdade-de-direitos>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

PORTAL BRASIL. **Sertanejo**. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/artes/sertanejo.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

VAGALUME. **Medo Bobo**. Música. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/maiara-e-maraisa/medo-bobo.html>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

VAGALUME. **Eu Sei de Cor**. Música. Compositor: Danillo Davilla/ Elcio di Carvalho/ Lari Ferreira/ Junior Pepato. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/marilia-mendonca/eu-sei-de-cor.html>>. Acesso em: 20 abr. 2017.